

CONAN DOYLE

A NOVA CATACUMBA
&
O CASO DE LADY
SANNON



FREE BOOKS

ARTHUR CONAN DOYLE

**A NOVA
CATACUMBA**

e

**O CASO DE LADY
SANNOX**

CONTOS DE TERROR

Edição Anotada

Free Books

2020

SUMÁRIO

SOBRE OS CONTOS.....	4
A NOVA CATACUMBA	6
O CASO DE LADY SANNOX.....	35
CRÉDITOS.....	45

SOBRE OS CONTOS

“A Nova Catacumba”, e “O Caso de Lady Sannox” são contos de terror de Arthur Conan Doyle, o criador do célebre detetive Sherlock Holmes.

Na primeira narrativa, Kennedy e Julius Burger, especialistas em antiguidade romana, são amigos e rivais.

Kennedy toma conhecimento de que Burger descobrira, em Roma, uma antiga catacumba e está ansioso para explorá-la. Assim, pede ao amigo que lhe mostre a incrível descoberta.

Para aceder ao pedido do colega, Burger faz uma estranha exigência, de caráter pessoal, que envolve um relacionamento do amigo com uma mulher. Mas isto não impede que ambos desçam a uma antiga catacumba recém-descoberta, onde, em seus tortuosos corredores, o curioso arqueólogo irá se defrontar com um horror indizível e fatal.

No segundo conto, dado aqui em versão condensada, um famoso cirurgião, que mantém um caso amoroso com uma mulher casada — a bela Lady Sannox —, é abordado por um misterioso estrangeiro. Ao médico, esse homem

implora, desesperadamente, que salve a sua esposa de um envenenamento. A eliminação radical do veneno requer, todavia, uma cirurgia que a deixará hediondamente desfigurada...

Horror e vingança são o ponto de intersecção entre as duas maravilhosas narrativas de Arthur Conan Doyle.

A NOVA CATACUMBA

— Vamos, Burger! — disse Kennedy. — Quero crer que você confia plenamente em mim!

Os dois famosos estudiosos de antiguidades romanas estavam sentados no confortável aposento de Kennedy, que dava para o Corso.

A noite estava fria e ambos tinham puxado as cadeiras para junto de um desses incômodos aquecedores italianos, cujas irradiações abafam em vez de aquecer.

Lá fora, sob as cintilantes estrelas do inverno, estendia-se a Roma moderna: a longa fila dupla das lâmpadas elétricas, os cafés brilhantemente iluminados, o desfile dos carros e a densa multidão nos passeios.

Mas, dentro do suntuoso aposento do jovem arqueólogo inglês, só se encontravam objetos e recordações da antiga Roma.

Velhos frisos rachados e gastos pelo tempo estavam pendurados nas paredes e antigos bustos pardos de senadores e soldados, de figura áspera e cruel, achavam-se dispostos pelos cantos.

Na mesa do centro, entre um sem-número de inscrições, fragmentos e ornamentos, estava

a famosa reconstituição feita por Kennedy das Termas de Caracala, que excitou tanto interesse e admiração quando exibida em Berlim. Ânforas pendiam do teto e, sobre um rico tapete vermelho da Turquia, espalhava-se uma porção de curiosidades diversas.

Não havia, entre elas, uma só que não fosse da mais inatacável autenticidade e da mais preciosa raridade, pois Kennedy, apesar de mal ter passado os trinta anos de idade, tinha já uma reputação europeia em matéria arqueológica e possuía, além disso, uma grande fortuna, algo que se torna uma fatal destruidora das energias de um estudioso, ou, ao contrário, se a vocação é decidida, lhe oferece uma vantagem enorme em sua carreira para a glória.

O capricho e o prazer haviam afastado frequentemente Kennedy de seus estudos, mas o seu espírito lúcido era capaz de longos e concentrados esforços, que acabavam com agudas reações ao langor sensual.

Seu rosto — de frente ampla e clara, de nariz agressivo e de boca um tanto larga e sensual — era uma indicação da mistura da força e da fraqueza de seu temperamento.

O seu companheiro Julius Burger era um tipo muito diferente.

Nascido de uma curiosa mestiçagem — pai alemão e mãe italiana —, tinha as robustas qualidades do Norte combinadas, de um modo bizarro, com a sutil graciosidade do Sul.

Olhos de azul teutônico iluminavam-lhe o rosto curtido de sol, e acima deles abria-se uma testa quadrada, orlada por uma maciça franja de cabelos de um louro pálido. O queixo esca-
nhoado era forte e proeminente.

O seu camarada tinha notado, muitas vezes, o quanto ele lembrava aqueles velhos bustos romanos, que emergiam da sombra dos cantos do quarto. Pressentia-se a sutileza do italiano sob a sua constituição forte de germano, mas o seu sorriso era tão leal e seus olhos tão francos que a gente era levada a considerar isso apenas como um traço atávico, sem projeção real sobre o seu caráter.

Era da mesma idade de Kennedy e tinha igual reputação, mas a sua vida e os seus estudos haviam sido muito mais árduos.

Chegara a Roma, havia 12 anos, como um pobre estudante, e tinha vivido sempre, desde então, de uma pequena bolsa para pesquisas que a Universidade de Bonn lhe havia concedido

Penosamente, lentamente, com extraordinária tenacidade e singular disposição de espí-

rito, subira, um a um, os degraus da fama, até se tornar membro da Academia de Berlim, e havia toda a razão de crer que seria, dentro em pouco, elevado a catedrático da maior das Universidades alemãs. Mas, se na ciência comum tinha-se elevado ao mesmo nível que o rico e brilhante inglês, em tudo mais — desde que não guardasse relação com a natureza do seu trabalho — Burger ficava muito abaixo dele.

Nunca encontrara, em seus estudos, uma folga para cultivar a vida social, e se, alguma vez, a sua face se iluminava com vida e alma, era justamente quando falava de assuntos relacionados a seus estudos.

Fora disso, era silencioso e embaraçado, convencido de que eram muito limitados os seus conhecimentos em outros assuntos e inapto para essas banalidades que constituem o refúgio convencional daqueles que não têm pensamentos a exprimir.

No entanto, há alguns anos, uma camaradagem, que parecia pouco a pouco mudar-se em amizade sólida, existia entre esses dois tão diversos êmulos.

O fundamento e a origem disso estavam em que, em seus estudos respectivos, cada um era o único dos moços de então que tinha bas-

tante erudição e bastante entusiasmo para apreciar com justiça o outro.

Os seus interesses comuns e as suas pesquisas os haviam aproximado e ambos se sentiam atraídos pelos seus conhecimentos recíprocos.

Uma outra razão juntou-se, pouco a pouco, a estas.

Kennedy tinha-se interessado pela franqueza e pela simplicidade de Burger, enquanto este se sentia fascinado pelo brilho e pela vivacidade que tinham feito de Kennedy um favorito da sociedade romana.

E digo "tinham" porque, nesse momento, a reputação do jovem inglês estava um tanto comprometida.

Um caso de amor — cujos detalhes nunca se conheceram inteiramente — havia indicado, de sua parte, dureza de coração e insensibilidade que chocaram muitos dos seus amigos.

Mas, nas rodas de artistas e de estudantes que ele de preferência frequentava, o código de honra não era muito rígido nesses assuntos de amor e, se bem que algumas cabeças se tivessem voltado e alguns ombros se tivessem levantado ao ser contada a fuga de dois amantes e a volta de um só, o sentimento geral era pro-

vavelmente apenas de curiosidade e, talvez, mais de inveja do que de reprovação.

— Olhe, Burger — disse Kennedy, cravando o olhar na fisionomia plácida do companheiro —, eu desejaria que você depositasse toda a confiança em mim.

E, enquanto falava, apontava com a mão um tapete estendido sobre o assoalho. Sobre o tapete estava um desses cumpridos e baixos cestos de frutas feitos de vime e usados na Campânia, cheio de objetos diferentes: telas com inscrições meio apagadas, mosaicos quebrados, papiros rasgados, ornamentos de metal oxidado, que aos leigos pareceriam ter vindo em linha reta da lata do um varredor de rua, mas que um especialista reconheceria imediatamente como únicos em seu gênero.

A pilha dessas velharias e trapos, encerrados no cesto do vime, constituía exatamente um desses anéis que faltam à cadeia do desenvolvimento social e que são de tanto interesse para os eruditos.

Fora o alemão que os trouxera e os olhos do inglês, ao contemplá-los, faiscavam de cobiça.

—Eu não quero me aproveitar do seu achado precioso, mas gostaria imensamente de ouvi-lo a respeito — continuou ele, enquanto

Burger, muito deliberadamente, acendia um charuto. — É, evidentemente, uma descoberta da máxima importância. Essas inscrições vão causar sensação em toda a Europa.

— De cada uma dessas que eu trouxe existem milhões lá de onde as tirei — disse o alemão. — Há tanto que uma dúzia de sábios poderia gastar no estudo delas uma existência inteira e adquirir com isso uma reputação tão sólida quanto o castelo de Santo Ângelo.

Kennedy ficou pensativo, com a fronte enrugada, cofiando distraidamente o seu longo bigode louro.

— Você se traiu, Burger — disse por fim. — As suas palavras só podem indicar uma coisa: você descobriu uma nova catacumba.

— Eu não tinha dúvida que você, examinando esses objetos, chegaria a essa conclusão.

— De fato, eles levavam a essa opinião, e as suas últimas palavras dão-me a certeza disso. Não há, exceto uma catacumba, lugar que possa encerrar uma coleção tão vasta de relíquias como esta a que você acaba de se referir.

— Com efeito, quanto a isso não há dúvida: sim, acabo de descobrir uma catacumba.

— Onde?

— Nisto está o meu segredo, meu caro Kennedy. Basta-lhe saber que está de tal modo

situada que não há uma probabilidade sobre mil de que alguém mais possa dar com ela. A sua data é diversa da de todas as outras conhecidas e ela foi consagrada a ser a sepultura dos cristãos de alta hierarquia, de modo que os seus destroços e as suas relíquias são inteiramente diferentes das que anteriormente se têm visto. Se eu não conhecesse a sua erudição e a sua energia, meu amigo, não hesitaria em confiar-lhe, sob a condição de absoluto segredo, mais alguma coisa a respeito dela. Mas acho preferível fazer o meu relatório sobre o caso antes de me expor a um tão formidável competidor.

Kennedy amava os seus estudos arqueológicos com um amor que antes era uma loucura, um amor que o absorvia inteiramente no meio de todas as distrações que assaltam um homem novo, sadio e rico.

Ele tinha ambição, é certo. Mas essa mesma ambição era secundária diante do simples prazer abstrato e do interesse por tudo que concernia à vida antiga e à história da Cidade Eterna.

Ansiava por poder ver este novo mundo subterrâneo descoberto pelo seu companheiro.

— Olhe, Burger — disse ele gravemente.
— Asseguro que você pode ter absoluta confiança em mim neste assunto. Nada me levaria a

escrever uma linha sequer sobre qualquer coisa que eu visse sem ter antes a permissão sua. Compreendo muito bem os seus sentimentos, que julgo muito naturais. Mas você, na verdade, nada tem que recear de minha parte. Por outro lado, se você não me disser nada, eu poderei fazer uma pesquisa sistemática e, com certeza, acabarei por descobrir a catacumba. Neste caso, poderia, está bem visto, fazer dela o uso que me aprouvesse, uma vez que eu não teria nenhuma obrigação para com você.

Burger sorriu, acompanhando as espirais de fumaça do seu charuto.

— Tenho notado, amigo Kennedy, que, quando preciso de informações sobre um caso qualquer, você nem sempre está pronto a me fornecê-las.

— Quando foi que você me perguntou alguma coisa que eu não lhe tivesse dito? Lembre-se, por exemplo, que lhe dei o material para o seu relatório sobre o Templo das Vestais.

— Ah, sim! Mas isto não era coisa de muita importância. Se, porventura, eu lhe interrogasse sobre algumas coisas íntimas, você seria capaz de me responder? Faço ideia. Esta nova catacumba é para mim uma coisa muito íntima, e eu desejaria em troca alguma prova da mesma confiança.

— Não posso saber a que ponto você chegar — disse o inglês —, mas, se você se propõe a responder às minhas perguntas sobre a catacumba, desde que eu responda a quaisquer perguntas que você me faça, asseguro-lhe que assim farei.

— Bem — disse Burger, estendendo-se voluptuosamente na cadeira e soltando uma baforada azul do seu charuto —, conte-me as suas relações com Miss Mary Saunderson.

Kennedy saltou da cadeira e cravou sobre o impassível companheiro um olhar colérico.

— Que diabo quer você?! — gritou. — Que espécie de pergunta é essa?! Pode ser que você a faça por brincadeira, mas olhe que é de muito mau gosto!

— Não, não é por brincadeira — disse Burger, com simplicidade. — Estou, de fato, muito interessado pelas minúcias do seu caso de amor. Eu pouco sei acerca do mundo, das mulheres, da vida social e desse gênero de coisas. E um tal incidente exerce sobre mim a fascinação do desconhecido. Eu o conheço e conheci-a de vista. E tinha mesmo chegado a falar com ela umas duas vezes. Portanto, estimaria muito ouvir dos seus próprios lábios o que foi que aconteceu entre vocês dois.

— Não lhe direi nem uma só palavra.

— Perfeitamente. Isto foi apenas uma fantasia da minha parte para ver se você confiaria um segredo com a mesma facilidade com que esperava que eu lhe contasse o segredo da nova catacumba. Você não quis e eu não esperava outra coisa de sua parte. Mas por que haveria de esperar outra atitude de minha parte em relação a você? Na torre de São João batem 10 horas. É tempo de voltar para casa.

— Ainda não. E espere um instante — disse Kennedy. — É realmente um capricho ridículo seu o de querer conhecer uma velha intriga de amor extinta há vários meses. Você sabe perfeitamente que é comum considerar como o maior covarde e vilão todo o homem que, depois de beijar uma mulher, vai, em seguida, contar o que fez.

— Certamente — disse o alemão, retomando o seu cesto de curiosidades. — Quando ele conta alguma coisa que diz respeito a uma jovem anteriormente desconhecida deve ser assim. Mas, no caso, como você deve saber, a aventura foi pública e tornou-se o assunto de conversas em Roma, de modo que você não causará nenhum mal a Miss Mary Saunderson conversando comigo sobre esse caso. Mas, enfim, respeito os seus escrúpulos. Boa noite, Kennedy!

— Espere um instante, Burger — disse Kennedy, tomando-o pelo braço. — Estou fascinado por esses objetos da catacumba e não posso renunciar tão facilmente. Pergunte-me alguma coisa mais em troca da sua confiança... alguma coisa... de menos excêntrico desta vez.

— Não, não. Você recusou e está acabado — respondeu Burger, com o cesto no braço. — Não há dúvida que você está no seu direito não respondendo e não há dúvida que eu também estou no meu. E assim sendo, meu caro Kennedy, boa noite.

O inglês olhou Burger atravessar o aposento. Mas, quando o viu colocar a mão na maçaneta da porta, saltou para ele com o ar de um homem que não tem remédio senão se mostrar condescendente.

— Espere, meu amigo — disse. — Você me parece muito ridículo, mas, afinal, se é esta a sua condição, suponho que a ela me devo submeter. Aborrece-me falar dessa moça, mas, uma vez que todos em Roma conhecem o caso, não creio que lhe possa dizer alguma coisa que você já não saiba. O que é que você quer saber?

O alemão aproximou-se do aquecedor e, pousando no chão o seu cesto, sentou-se de novo.

— Pode dar-me um outro charuto? — disse. — Muito obrigado. Nunca fumo quando trabalho. Mas aprecio mais uma conversa quando estou sob a influência do fumo. Agora, em relação àquela moça, com quem você teve essa pequena aventura, o que é feito dela?

— Está na casa da família.

— Sim, com efeito, na Inglaterra?

— Sim.

— Em que lugar da Inglaterra? Em Londres?

— Não. Em Twickenham.

— Desculpe a minha curiosidade, meu caro Kennedy, mas pode atribuí-la à minha ignorância do mundo. Sem dúvida, é uma coisa comum persuadir uma moça a andar com uma pessoa três ou mais semanas e em seguida entregá-la à sua família em... como é que se chama o lugar?

— Twickenham.

— Perfeitamente. Em Twickenham. Más há alguma coisa tão fora da minha própria experiência que não posso imaginar como você se houve em relação a isso. Por exemplo: se você tivesse amado essa moça, o seu amor dificilmente poderia desaparecer em três semanas, e, assim, presumo que você jamais poderia tê-la amado. Mas, se você não a amou, por que fez

esse grande escândalo, que a você mesmo prejudicou e a ela arruinou a reputação?

Kennedy olhou tristemente para os olhos de fogo do aquecedor.

— Este é, não há dúvida, um modo lógico de considerar o caso — disse ele. — Amor é uma grande palavra e representa uma série de tonalidades diferentes do sentimento. Ela me agradava, e você, que diz que a viu, deve saber o quanto era encantadora às vezes. Mas enfim, examinando bem o caso, sou levado a admitir que nunca lhe tive verdadeiro amor.

— Então, para que fazer o que você fez?

— A natureza da aventura me atraía extraordinariamente.

— Quê! Você é assim tão ávido de aventuras?

— Onde estaria, sem elas, a variedade da vida? Foi por um acaso que comecei a prestar atenção à pessoa dela. Tenho caçado muita presa boa em minha vida, mas não há caçada que mais me tente que a de uma mulher bonita. Atraía-me, também, o fato de que, sendo ela dama de companhia de Lady Emily Rood, era quase impossível abordá-la. Porém, mais que todos esses obstáculos, fascinava-me um outro, que soube dos seus próprios lábios, desde que nos conhecemos: ela era noiva.

— *Mein Gott*¹ De quem?!

— Nunca me disse o nome.

— Creio que ninguém conhece este por-
menor. Então, segundo você, isso tornava mais
tentadora a aventura?

— Decerto, era um estimulante a mais.
Não acha?

— Eu entendo tão pouco dessas coisas...

— Meu caro, lembre-se de que a maçã rou-
bada à árvore do vizinho é sempre mais sabo-
rosa que a colhida no próprio pomar. Demais,
eu percebi que ela só inclinava para mim.

— Como?! Desde o começo?

— Ah, não! Foram precisos três meses de
pertinaz investida. Mas, por fim, consegui.
Mary compreendeu que a minha separação ju-
dicial impedia-me de casar-me com ela, mas
entregou-se a mim do mesmo modo, e passa-
mos ambos uma temporada deliciosa enquanto
as coisas duraram.

— E o outro, o noivo?

Kennedy levantou os ombros.

— Neste mundo, a vitória é dos mais ca-
pazes. Se ele fosse mais agradável, ela não o te-
ria abandonado. Mas, mudemos de assunto,
meu caro, pois já estou farto deste.

¹ Em alemão, no original: “Meu Deus!”.

— Ainda uma coisa, apenas. Como é que, em três semanas, você se cansou dela?

— De um lado e de outro, o ardor foi diminuindo, sabe? Ela não queria, por nada deste mundo, voltar a viver em Roma, onde era conhecida. Ora, Roma me é necessária e eu já estava aborrecido de me achar fora de meus estudos. Já aí estava uma causa evidente de separação. Além disso, o pai dela foi ao nosso encalço em um hotel de Londres. Houve aí uma cena terrível e a nossa situação tornou-se tão desagradável que — embora a princípio muito me tenha custado — dei graças a Deus, mais tarde, de me ver livre. Conto que você não repita a ninguém o que lhe disse.

— Meu caro Kennedy, não me poderia passar pela ideia o desejo de propalar a sua confiança. Tudo que você me contou interessa-me muito, porque serviu para mostrar o seu modo de encarar as coisas, inteiramente diverso do meu. Conheço tão pouco a vida... Agora você precisa saber alguma coisa da minha nova catacumba. Não vale a pena dizer-lhe onde fica, porque nunca a encontraria. O melhor é eu conduzi-lo até lá.

— Será magnífico.

— Quando quer ir?

— Quanto antes, melhor. Estou impaciente por vê-la.

— Bem, a noite está esplêndida, embora um pouco fria. Podemos partir daqui a uma hora. Precisamos ter todo o cuidado para que não nos percebam. Se alguém nos visse caminhando juntos, suspeitaria logo de alguma coisa.

— Quanto mais cautela, melhor — disse Kennedy. — É longe?

— Algumas milhas.

— Pode-se ir a pé?

— Muito facilmente.

— É melhor assim, decerto. As suspeitas de um cocheiro podiam ser levantadas se ele nos deixasse em algum lugar solitário altas horas da noite.

— Exatamente. Acho melhor encontrarmos-nos à meia-noite em ponto na porta da Via Ápia. Vou à minha casa buscar fósforos, lanternas e outros objetos necessários.

— Muito bem, Burger. É muita bondade sua fazer-me participar desse segredo, e eu prometo que nada revelarei sobre ele antes de você publicar o seu relatório. Até logo! À meia-noite, estarei na porta.

*

O ar frio e leve enchia-se do repique musical dos sinos daquela cidade de campanários quando Burger, embrulhado em um sobretudo italiano e com uma lanterna na mão, dirigiu-se ao lugar combinado.

Kennedy saiu da escuridão ao seu encontro.

— Você é tão ardoroso no trabalho quanto no amor — disse-lhe o alemão, rindo.

— É verdade. Estou à sua espera há cerca de meia hora.

— Creio que você não disse a ninguém para onde vamos.

— Eu não sou tão insensato! Por Deus, estou gelado até os ossos. Vamos depressa, Burger, para nos aquecermos com a marcha.

As suas passadas ressoavam pesadas e rápidas sobre a pedra desigual do passeio da velha estrada, que foi, outrora, a mais famosa do mundo.

Um ou dois camponeses regressando da taverna e algumas carroças de legumes e cereais em caminho para Roma foi tudo quanto encontraram.

Voltearam adiante os túmulos enormes avultando na treva de um lado o de outro, até chegarem à altura das catacumbas de São Calisto e aparecer-lhes em frente, batido da Lua, o grande monumento circular de Cecília Metela². Então, Burger parou com a mão na cintura.

— As suas pernas são mais compridas que as minhas e você está mais acostumado do que eu a caminhar — disse ele, rindo. — Penso que é por aqui o lugar em que temos de virar. Sim, é aqui mesmo, no canto da calçada. Agora o caminho é muito estreito e é melhor que eu vá adiante, e que você me acompanhe.

Ele havia acendido a lanterna. Guiados pela luz, podiam seguir uma trilha estreita e sinuosa que serpeava pelos pântanos da Campânia. O grande aqueduto da velha Roma jazia como uma monstruosa lagarta estendida sobre a planície enluarada. O caminho levava-os para baixo de um dos grandes arcos do aqueduto e eles passaram o montão de destroços que assinalam a antiga arena.

Por fim, Burger parou diante de um estábulo abandonado e tirou do bolso uma chave.

² Mausoléu situado na Via Ápia, Roma, construído para abrigar Cecília Matela, filha de Quinto Cecílio Mateco Créstico, cônsul romano do séc. I.

— Quero crer — disse Kennedy — que a sua catacumba não é dentro de uma casa...

— Mas a entrada dela é. E é isto justamente que nos preserva de que alguém mais possa descobri-la.

— O dono do estábulo sabe de alguma coisa?

— Ele? Não. Ele achou um ou dois objetos e eu, vendo-os, tive, desde logo, a convicção de que a sua casa devia ter sido construída à entrada de uma catacumba. Aluguei, pois, o estábulo e procedi, eu mesmo, às escavações. Entre e feche a porta.

Era uma construção comprida e vazia, tendo apenas ao longo de uma das paredes as manjedouras dos animais.

Burger pousou no chão a lanterna e colocou em volta o seu sobretudo, de modo a vedar a luz para todos os lados, exceto um.

— Podia — disse — dar na vista se alguém notasse luz neste lugar solitário. Agora, ajude-me a levantar essas tábuas.

O assoalho estava despregado nos cantos e os dois arqueólogos levantaram-no tábua a tábua, encostando-as à parede. Por baixo dele, havia uma abertura quadrada e uma escada de degraus de pedra denegrida que se prolongava para as entranhas da terra.

— Tome, cuidado! — gritou Burger, ao ver Kennedy que, impaciente, se apressava em descer. — É uma verdadeira toca de coelhos isto aí embaixo. Se você perdesse o caminho, haveria cem probabilidades contra uma de torná-lo a encontrar. Espere que eu leve a luz.

— Como é que você encontra o caminho, se é tão complicado assim?

— A princípio, perdi-me mais de uma vez, mas, pouco a pouco, aprendi a andar por aí. Há um certo sistema para isso. Mas, se um homem se perder nessa escuridão, é impossível achar saída. Quando quero avançar muito para o interior da catacumba, vou desenrolando por trás um novelo de barbante. Para se certificar de quanto é difícil andar aqui, basta ver que antes de você andar cem jardas, cada uma destas passagens se divide e subdivide uma dúzia de vezes pelo menos.

Já haviam descido uns vinte pés abaixo do nível do solo e achavam-se em uma sala quadrada talhada a pedra. A lanterna iluminava vivamente o chão e frouxamente para cima as paredes fendidas e escuras. Viam-se em todas as direções os buracos negros das passagens que irradiavam deste centro comum.

— Siga-me bem de perto, meu amigo — disse Burger. — Não perca tempo com essas

coisas do caminho, pois o lugar para onde vamos tem tudo isso e até mais.

Ele desceu por um dos corredores e o inglês seguiu rente aos seus calcanhares. De instante a instante, o caminho se bifurcava, mas Burger estava evidentemente acompanhando sinais só dele conhecidos, pois nem uma vez, sequer, parou ou hesitou. Ao longo das paredes, embrulhados e hirtos, jaziam os cristãos da antiga Roma. A luz amarela dançava macabramente sobre a figura engelhada das múmias e resplandecia nas caveiras arredondadas e nos ossos dos braços compridos e brancos, cruzados sobre os peitos descarnados.

À medida que passava, Kennedy olhava atentamente para as inscrições, os vasos funerários, os retratos, as roupas, os utensílios, que permaneciam ainda tais como as mãos piedosas os haviam deixado tantos séculos antes.

Nesse rápido relancear de olhos, Kennedy se persuadira de que aquela era a mais antiga e a mais rica das catacumbas, e que continha uma quantidade de relíquias romanas como nunca havia antes caído sob a vista de algum arqueólogo.

— O que seria, se a luz acabasse? — perguntou, enquanto avançavam.

— Eu trouxe uma vela a mais e uma caixa de fósforos no bolso. E você, Kennedy, tem fósforos?

— Não. E não seria nada mau que me desse alguns.

— Ora, não é preciso. Basta que não nos separemos.

— Ainda falta muito? Creio que já andamos, talvez, bem um quarto de milha.

— Mais que isso. Esta catacumba parece não ter limites. Pelo menos, eu ainda não encontrei o fim. É um lugar perigoso e acho melhor que eu empregue o rolo de barbante.

Dizendo isto, amarrou uma extremidade do cordel a uma ponta ressaltante de rocha e, segurando o novelo, desenrolava-o à proporção que avançava.

Kennedy notou o quanto era necessária esta precaução, porque as passagens se tornavam cada vez mais emaranhadas e tortuosas, como uma perfeita rede de corredores entrecortados.

Mas todos eles desembocavam em uma ampla sala circular, tendo a um lado um pedestal quadrado de tufo encimado por uma pedra de mármore.

— Por Deus! — gritou Kennedy, em êxtase, quando Burger balançou a lanterna à al-

tura do mármore. — É um altar cristão, provavelmente o primeiro que existiu. Aqui está, neste canto, entalhada na pedra, a pequena cruz de consagração. Não há dúvida que esta galeria circular servia de capela.

— Precisamente — disse Burger. — Se eu tivesse mais tempo, mostraria todos os corpos que estão sepultados nesses nichos das paredes e que são dos primeiros papas e bispos da Igreja, com as suas mitras, báculos e paramentos pontifícios. Vá ver aquele que ali está e examine-o bem.

Kennedy cruzou a sala e parou junto a uma cabeça medonha enterrada frouxamente em uma mitra mofada.

— É extremamente interessante — disse ele e a sua voz rolou pela abóbada da sala. — No meu conceito, esta catacumba é única. Traga a lanterna, Burger. Quero vê-los todos.

Mas o alemão havia-se afastado e conservava-se no meio do círculo amarelo de luz projetado pela lanterna, do outro lado da sala.

— Sabe você — perguntou —, quantos desvios tortuosos há entre esta sala e a escada de saída? Cerca de dois mil. Era um dos meios de proteção adotados pelos cristãos. Há duas mil probabilidades contra uma para um homem sair daqui, mesmo tendo uma luz. Mas se

estiver no escuro, torna-se, evidentemente, muito mais difícil.

— Com certeza.

— E a escuridão tem, aqui, alguma coisa de apavorante. Já fiz uma vez a experiência. Vamos experimentar de novo.

Soprou a lanterna e, repentinamente, foi como se mãos invisíveis apertassem fortemente os olhos de Kennedy. Nunca ele imaginou que pudesse haver uma escuridão tão completa. Parecia oprimi-lo e sufocá-lo. Ao andar, encontrou um sólido obstáculo, contra o qual o seu corpo se encolheu completamente.

Estendeu as mãos para empurrá-lo.

— Chega, Burger!— disse ele. — Acenda outra vez a luz!

Mas o companheiro começou a rir. E, na galeria circular, a sua gargalhada parecia vir de toda a parte ao mesmo tempo.

— Parece que você está incomodado, amigo Kennedy.

— Vamos, homem, acenda a lanterna — respondeu Kennedy, impacientemente.

— É curioso, Kennedy, mas não posso saber pelo som a direção em que você está. E você distingue onde eu estou?

— Não. Parece estar de todos os lados.

— Se não fosse esse barbante que tenho na mão, eu não teria a mínima noção do caminho a tomar.

— Decerto. Mas ande com isso, homem: acenda a luz e acabe com essa brincadeira.

— Olhe, Kennedy, há duas coisas que eu sei que você é louco por elas. Uma, é uma aventura; a outra, é um obstáculo a vencer. A aventura será você encontrar a saída desta catacumba. O obstáculo será, de um lado, a escuridão e, do outro, as duas mil trilhas tortuosas que tornam um pouco difícil achar o caminho. Mas, não seja precipitado, porque há tempo de sobra, e quando você descansar um pouco aqui ou ali, apraz-me acreditar que você estará pensando em Miss Mary Saundersen e examinando se procedeu bem com ela.

— Homem do inferno, que quer você dizer? — uivou Kennedy e começou a rodar, às apalpadelas, em pequenos círculos, espancando com as mãos a escuridão compacta.

— Adeus — disse uma voz de mofa, já a alguma distância. — Não sou de opinião, Kennedy, apesar da sua explicação, que você tenha andado direito com ela. Só uma coisa você mostrou ignorar e esta eu vou lhe dizer: Miss Mary Saundersen era noiva de um pobre e deselegante estudioso chamado... Julius Burger.

Ouviu-se um rugido em alguma parte, o som vago de um pé batendo sobre pedra, e o silencio caiu logo sobre essa velha capela cristã — um silencio estagnante e pesado, que se fechou em torno de Kennedy e que o envolveu como a água a um homem que se afoga.

*

Uns dois meses depois, apareceu nos principais órgãos da imprensa europeia a seguinte notícia:

"Uma das mais interessantes descobertas dos últimos tempos é a da nova catacumba em Roma, situada a alguma distância dos bem conhecidos subterrâneos de São Calixto. A descoberta dessa importante catacumba, que é excessivamente rica das mais curiosas preciosidades da vida cristã primitiva, é devida à energia e sagacidade do Dr. Julius Burger, o jovem especialista alemão, que está rapidamente conquistando o primeiro lugar entre as autoridades da arqueologia de Roma.

Apesar de ser ele o primeiro a dar a conhecer a sua descoberta, parece que um menos afortunado explorador precedeu o Dr. Burger.

Alguns meses antes, o Dr. Kennedy, o conhecido arqueólogo inglês, desapareceu inopinadamente da sua residência no Corso, tendo-se conjecturado que isso se prendia a um recente escândalo de amor, que o levava a abandonar Roma. Parece, agora, no entanto, que ele foi vítima do seu ardoroso amor pela arqueologia, ciência em que ocupava um posto distinto entre os seus colegas.

Seu corpo foi encontrado no centro da catacumba, e ficou provado, pelo estado dos seus pés e dos seus sapatos, que ele andou dias e dias pelos sinuosos corredores que tornam esses subterrâneos tão perigosos para os exploradores. O infeliz moço tinha-se internado pela catacumba com inexplicável imprudência, tão longe quanto possível, sem levar consigo fósforos e velas, de modo que o seu triste destino foi o resultado da sua própria temeridade.

O que torna o caso ainda mais doloroso é que o Dr. Julius Burger era íntimo amigo do falecido.

A sua alegria pela extraordinária descoberta, que teve a felicidade de fazer, foi, em grande parte, desfeita pela sorte terrível do seu camarada e colega de estudos”.

THE NEW CATACOMB

BY
A. CONAN
DOYLE



THEY
WENT
DOWN
A
STAIR
OF
OLD
STONE
STEPS
WHICH
LEAD
DOWN
THE
DOORS
OF
THE
CATACOMB

O CASO DE LADY SANNOX

Todos conheciam as relações do ilustre cientista Douglas Stone e de Lady Sannox, figura brilhantíssima dos círculos sociais. Por isso mesmo, não faltou quem tecesse comentários quando se divulgou a notícia de que Lady Sannox havia-se recolhido a um convento e de que o famoso cirurgião Douglas Stone, o homem dos nervos de ferro, fora encontrado pelos criados, certa manhã, sentado em frente ao leito, rindo como um demente, abraçado a um almofadão... O seu grande talento se diluíra nas trevas da loucura.

Douglas Stone era notável pelo sangue frio, precisão e equilíbrio com que realizava as mais difíceis operações. Entre os grandes cirurgiões de Londres, ele era dos que conseguiam maiores rendas em virtude de sua numerosíssima e distinta clientela. Sempre inclinado a divertir-se, sem tomar nada a sério, prendeu-se subitamente aos encantos de Lady Sannox. Entretanto, ela, se bem que para ele fosse a única, não o tinha, nem podia ter, na mesma conta.

Seu marido, Lorde Sannox, era um cavalheiro silencioso, reservado que, embora contasse apenas trinta e seis anos, parecia ter cin-

quenta. Afeiçoado ao cultivo das flores, amava a quietude do lar. Outrora a sua paixão favorita fora o teatro e até mesmo o explorara, como se explora um negócio qualquer. Foi então que conheceu a senhorita Marion Dawson, com quem contraiu matrimônio. Depois, perdeu o entusiasmo pelo teatro e passou a se dedicar apenas às orquídeas e aos crisântemos.

Conheceria ele a vida frívola de sua esposa? Sofreria com resignação ou ignorava o que se passava? Todos faziam essa pergunta. E já não cabia dúvida: ele sabia até que ponto chegava o flerte de Lady Sannox e Douglas Stone. Os rumores da maledicência se espalhavam. As sociedades científicas já pretendiam riscar o nome de Douglas da lista de seus sócios.

O idílio, entretanto, prosseguia.

Uma noite, borrascosa e úmida, Douglas Stone esperava, nos seus aposentos, que chegasse a hora do seu encontro com Lady Sannox, combinado desde a véspera. Eram oito e meia e já se dispunha a pedir o seu coche, quando ouviu soar a campainha e ouviu, instantes depois, passos no corredor. O criado logo apareceu e anunciou:

— Um cavalheiro deseja falar com o doutor. Parece-me que vem chamá-lo para atender um doente... Aqui tem o seu cartão.

Stone leu no quadrângulo de cartolina: "Hamil Alismyrna". Disse ao criado:

— Tenho que pedir-lhe que me dispense. Tenho um compromisso... Faça-o entrar, Jim. Preciso falar-lhe.

O criado deu entrada a um homem baixo, raquítico, ligeiramente corcunda e cujo semblante contraído revelava acentuada miopia. A tez era escura, a barba e o bigode inteiramente negros e trazia nas mãos um turbante de musselina, com listras negras e roxas.

— Boa noite, cavalheiro — disse-lhe Douglas. — Suponho que o senhor fala inglês, não é mesmo?

— Sim, ainda que com certa dificuldade. Sou da Ásia Menor...

— Deseja que eu o acompanhe a alguma parte?

— Sim, doutor. Desejo que venha ver minha esposa.

— Mas esta hora é demasiado tarde.

— Porém, o caso é de urgência — replicou o turco. — Aqui tem o doutor cem libras pelos seus serviços e prometo que não durará uma hora...

Douglas Stone mirou o punhado de moedas reluzentes que o estrangeiro lhe estendia e, em seguida, o relógio. Verificou que, com a de-

mora de uma hora apenas, o seu encontro não ficaria prejudicado. Assim, resolveu não perder tão boa ocasião.

— De que se trata? — perguntou.

— De um caso muito triste. Já ouviu o doutor falar nas adagas dos almóadas?

— Não.

— Pois bem, são umas adagas muito antigas, de uma forma particular, com uma empunhadura parecida com as que vocês chamam de estribo. Sou comerciante de antiguidades e vim a Londres a negócios, devendo regressar a Esmirna na semana vindoura. Entre as curiosidades que eu trouxe, há uma daquelas armas...

— Permita-me recordar-lhe que eu tenho um compromisso e que é necessário dispensar os detalhes e limitar-se ao fato, que é apenas o que me interessa...

— É de suma importância o que estou relatando. Acontece que minha esposa desmaiou no quarto em que tenho as mercadorias e, caindo, feriu-se no lábio com essa maldita adaga.

— Compreendo. Quer o senhor que eu faça a sutura da ferida...

— Não. O caso é mais grave. A adaga está envenenada.

— Envenenada?

— Sim. E não se sabe se existe algum con-
traveneno. As pessoas feridas dormem, em pro-
fundo sono, durante trinta horas... E depois, a
morte...

— Mas, se não há cura, por que razão quer
pagar-me tanto dinheiro?

— Com remédios nada se conseguirá. Mas
meu pai costumava dizer: "Se a ferida foi no
dedo, é necessário cortá-lo". Teremos de usar o
bisturi. Somente depois de muitas horas o ve-
neno se espalha no organismo. Nas primeiras,
fica concentrado no lugar da ferida. Imagine,
porém, o lugar em que se feriu minha esposa...
No lábio. É terrível!

— Mas, se é a única salvação, é melhor
perder o lábio do que a vida — replicou Stone,
que, tomando a sua caixa cirúrgica, se pôs a ca-
minho com o turco, que deixara um automóvel
à porta.

Quando chegaram à casa do mercador,
uma velha, que trazia uma lâmpada na mão,
veio abrir a porta.

— Como está? — perguntou com angústia
o comerciante. — Já falou?

— Não, senhor — respondeu a velha. —
O seu sono continua tão profundo como
quando a deixou...

E ambos seguiram a velha, entrando em um aposento de aspecto oriental, cheio de figuras grotescas, de utensílios primitivos, de armas exóticas, iluminado por uma débil lâmpada de azeite. Deitada sobre um sofá, estava uma mulher, com o rosto coberto pelo *yashmak*, o véu que as mulheres turcas costumam usar. A parte inferior do rosto estava descoberta e o médico pôde ver, no lábio inferior, uma pequena — mas profunda — incisão.

— Peço permissão para que ela conserve o *yashmak* — disse o turco —, pois os nossos costumes religiosos impõem às nossas mulheres esse dever.

O médico nem sequer respondeu. Para ele, ali não havia uma mulher, mas apenas um caso médico. Auscultou-a e, como não notasse sintoma algum, declarou que achava que poderia adiar a operação. O turco, porém, novamente o advertiu de que o veneno era mortal e que só a operação imediata poderia salvá-la.

— O senhor assegura, por experiência própria, que é indispensável a operação? — indagou Stone, levado pelo escrúpulo profissional.

— Juro por tudo quanto há de mais sagrado!

— O rosto dela, todavia, vai ficar horrivelmente desfigurado.

— Estou certo de que a sua boca já não inspirará o desejo de um beijo... Mas é necessário... É imprescindível...

Ao ouvir esse brutal comentário, Douglas Stone voltou-se bruscamente. Não era ocasião para entrar em discussões. Apanhou os seus instrumentos cirúrgicos e aproximou a lâmpada. Sob o véu, apenas se distinguia o brilho amortecido dos olhos da narcotizada. O médico quis fazer uso do clorofórmio. O turco, porém, se opôs, declarando que o veneno da adaga por si só já produzia uma espécie de quase letargia. Douglas tomou o bisturi e, com três rápidos cortes, seccionou o lábio inferior da enferma.

A mulher, soltando um grito de terror, ergueu-se do sofá. O véu caiu. E, apesar do sangue que lhe banhava o rosto, dolorosamente mutilado, Stone verificou que conhecia intimamente aquela mulher.

Olhou para o homem que o levara àquela casa sombria. Esse, rapidamente, arrancou a barba e o bigode. Em vez do turco de Esmirna, era Lorde Sannox quem diante dele aparecia. Douglas Stone quedara mudo e imóvel pela surpresa assombrosa. A mulher, soluçando,

deixou pender a cabeça maravilhosamente loura. E Lorde Sannox sorria...

Foi ele quem primeiro falou:

— A operação era, na realidade, indispensável a Marion. Não física, mas moralmente. O doutor não concorda comigo?

Douglas Stone não respondeu. Não ouvia nada.

— Há tempos eu queria dar-lhes um pequeno castigo — prosseguiu Lorde Sannox. — Sabei tudo às mil maravilhas... Só lastimo que o doutor não tivesse a perspicácia de verificar que a ferida não foi praticada com uma adaga, mas com o meu anel de sinete...

Douglas Stone, nesse momento, desatou a rir, a soltar enormes gargalhadas. Lorde Sannox imediatamente se pôs sério e abandonou o quarto, sem fazer ruído.

— Espere aqui até que a senhora desperte — disse o falso turco à velha que lhe abriu a porta.

E, chegando à rua, ordenou ao chofer:

— John, leve primeiro o doutor à sua casa. Creio que você terá de arrastá-lo pela escada abaixo. E diga aos seus criados que o "caso" o excitou um pouco...

— Está bem, senhor...

— E depois levará Lady Sannox para casa.

— E o senhor, Lorde Sannox?

— Ah! O meu endereço passará a ser o *Hotel di Roma*, em Veneza... Mandem para lá a minha correspondência.

E, ajustando o turbante à cabeça, recomendou:

— E diga a Stevens que não se esqueça de mandar orquídeas à exposição de floricultura...



CRÉDITOS

Obras: “A Nova Catacumba” e “O Caso de Lady Sannox”.

Títulos originais “A New Catacomb” e “The Case of Lady Sanox”.

Autor: Arthur Conan Doyle (1859 – 1930).

Fontes: “A Nova Catacumba”: “O Paiz” (RJ), edições de 4 e 5 de março de 1909; traduzido por autor desconhecido. “O Caso de Lady Sannox”: “A Noite Ilustrada”, edição de 8 de julho de 1931; traduzido e condensado por autor desconhecido.

Leiaute da capa: Canva.

Imagem da Capa: Charly3d/Pixabay.

Ilustrações do miolo: Stanley E. Armstrong (1873 – 1949) e Martin van Maële (1863 – 1926).

Direitos: Original e tradução de domínio público, nos termos dos arts. 40, 41, e 43, “caput”, da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Direitos da adaptação textual, apresentação e notas: © Paulo Soriano.

Editor: Free Books Editora Virtual,
Salvador/BA.

<http://www.freebookseditora.com/>

Ano da publicação: 2020.